

Ações coletivas entre agentes dos *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis/SC: uma análise dos condicionantes de governança territorial

Collective actions between agents of the tourism and technology clusters of Florianópolis/SC: an analysis of the conditions of territorial governance

| | |
|---|---|
| Cristina Martins https://orcid.org/0000-0001-8635-0981 | Doutorado. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Brasil. crismartins2611@gmail.com |
| Gabriela G. S Fiates https://orcid.org/0000-0001-6533-7139 | Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. E-mail. gabriela.fiates@ufsc.br |
| Clarissa Carneiro Mussi https://orcid.org/0000-0003-0367-4345 | Doutorado. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Brasil. mussi.clarissa@gmail.com |
| Jacir Leonir Casagrande https://orcid.org/0000-0002-2668-1065 | Doutorado. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Brasil. jacir.unisul@gmail.com |
| Marilda da Penha Teixeira Nagaoka https://orcid.org/0000-0002-0697-4872 | Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). marildanagaoka@yahoo.com.br |

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as ações conjuntas articuladas entre os agentes dos clusters de turismo e de tecnologia de Florianópolis confrontando-as com os condicionantes de governança territorial. O estudo classifica-se como descritivo com abordagem qualitativa e estratégia de estudo de caso a partir de dados primários e secundários, cuja análise foi bibliográfica e de conteúdo seguindo as condicionantes do modelo de Silva Pires *et al.* (2011). Os principais resultados revelaram que: na prática ACATE, CERTI, RECEPTI, Sapiens Parque, FloripAmanhã e Fortur são consideradas Instituições normalizadoras dos clusters; há consenso teórico-prático em relação a falta de penhora do governo como líder na construção da relação entre os *clusters* e embora algumas ações e articulações já ensaiem a cooperação e a construção de uma governança territorial favorecida também por condicionantes como recursos, ativos, proximidade geográfica e institucional, conclui-se que é preciso, através de uma proximidade organizada construir uma governança sistêmica, condição *sine qua non* para a geração de inovação e o alcance do Desenvolvimento Territorial de Florianópolis.

Palavras-chave: governança territorial; cluster de turismo; cluster de tecnologia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the joint actions articulated between the agents of tourism and technology *clusters* in Florianópolis, confronting them with the conditions of territorial governance. The study is classified as descriptive with a qualitative approach and case study strategy based on primary and secondary data, whose analysis was bibliographic and of content following the conditions of the model by Silva Pires *et al.* (2011). The main results revealed that: in practice, ACATE, CERTI, RECEPTI, Sapiens Parque, FloripAmanhã and Fortur are considered institutions that regulate the *clusters*; there is a theoretical-practical consensus regarding the lack of government attachment as a leader in building the relationship between *clusters* and; although some actions and articulations already test cooperation and the construction of territorial governance favored also by conditions such as resources, assets, geographical and institutional proximity, it follows that it is necessary to build systemic governance through proximity, a *sine qua non* condition for generating innovation and the scope of Florianópolis Territorial Development.

Keywords: territorial governance; tourism cluster; technology cluster.

Recebido em 06/10/2021. Aprovado em 01/03/2022. Avaliado pelo sistema *double blind peer review*. Publicado conforme normas da ABNT.
<https://doi.org/10.22279/navus.2022.v12.p01-20.1697>

1 INTRODUÇÃO

Com a intenção de promover o desenvolvimento territorial, novas políticas surgem para potencializar a inovação a partir de cooperações. Nesse contexto, os *clusters* em sua essência têm contribuído para essa estratégia, na medida em que agentes econômicos estabelecem redes ou conexões em uma localidade para fortalecerem-se e desenvolverem vantagem competitiva de maneira conjunta (PORTER, 1999). Contudo, historicamente, percebeu-se que a busca pelo desenvolvimento territorial envolve também agentes de outras naturezas - como social, institucional e econômico - o que foi corroborado por diferentes modelos de articulação como o Triângulo de Sábato (SÁBATO; BOTANA, 1968), a Tríplice Hélice (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1995) e suas evoluções, os modelos de Quádrupla e Quíntupla Hélice (CARAYANNIS; BARTH; CAMPBELL, 2012).

Nesse sentido, preconiza-se no processo de desenvolvimento não somente a vantagem competitiva, mas também uma governança que ultrapassa os limites do Estado, pois faz uso de mecanismos de cooperação, participação e influência, fundamentais para a aplicação do conceito de Governança Territorial (SWYNGEDOUW, 2005). Trata-se, portanto, de um engajamento conjunto e cooperativo entre agentes econômicos, sociais e institucionais (DALLABRIDA, 2006).

Seguindo a linha de fortalecimento competitivo, os *clusters* de tecnologia são considerados transversais por agregarem valor a outros setores. Segundo Korres (2008), o setor de tecnologia tem especialmente apoiado o setor turístico e, não só de uma perspectiva de desenvolvimentos de ferramentas tecnológicas, mas de inter-relacionamento e entrelaçamento. Estes dois setores estão crescendo acima da média e são considerados destaques entre as mais importantes indústrias neste século (SEVRANI; ELMAZI, 2008; MARTINS; FIATES; PINTO, 2016; MARTINS, 2017; MARTINS; FIATES; PACHECO, 2017; SOHN *et al.*, 2017; AMARAL *et al.*, 2018; SOUZA, 2018; CARMONA; MELLA; ROMANO, 2019).

Desta forma, segundo Gretzel (2017), conceituações de tecnologias inteligentes, cidades inteligentes e turismo inteligente estão sendo utilizados para visualizar novas maneiras de criar, trocar e consumir valor. Na prática, em nível global, diversos exemplos já são observados: Barcelona, na Espanha, com programas como *Barcelona SmartCity*, *Barcelona@22*, *Agrupaciones Empresariales Innovadoras* (AEI); São Francisco e São José nos Estados Unidos (USA), com os programas *TechSavvy Convention Visitors Bureaus*; Paris, na França, com programas como *Paris-wifi*, *Paris Data*, Alojamento em Paris; e Londres, na Inglaterra, com *European Mobile*, *VisitEurope*, *TourMis*, etc. (MARTINS, 2017).

No Brasil, vem ocorrendo a promoção de Destinos Turísticos Inteligentes (DTI) através de projeto-piloto do Ministério do Turismo com 10 cidades: Rio Branco/AC e Palmas/TO (Norte); Recife/PE e Salvador/BA (Nordeste); Campo Grande/MS e Brasília/DF (Centro-Oeste); Florianópolis/SC e Curitiba/PR (Sul); e Rio de Janeiro/RJ (Sudeste) MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR), 2022).

Dentre esses, destaca-se o município de Florianópolis, em Santa Catarina, cidade na qual os *clusters* de turismo e de tecnologia são considerados pilares de seu crescimento e desenvolvimento econômico. O Município de Florianópolis tem cerca de 97% de seu território localizado em uma ilha, com características geográficas únicas compostas por praias, mangues, dunas, morros e costões, fatores que impulsionaram o turismo (YIGITCANLAR *et al.*, 2018). Este município, atualmente, tornou-se um dos destinos mais procurados no Brasil, segundo o Ministério do Turismo (MTUR) (MTUR, 2020).

Além disso, a cidade conta com diversos mecanismos de fomento à empresas de base tecnológica, são mais de 900 empresas do setor de TI a pleno vapor e cerca de 17 mil pessoas empregadas, a cidade é um dos principais polos de inovação no Brasil e foi reconhecida como a 3º do país em faturamento médio no setor - são quase cinco bilhões por ano (YIGITCANLAR *et al.*, 2018).

Ressalta-se que até 2001, o setor de turismo era a principal fonte de arrecadação de Florianópolis (MARTINS, 2017). Entretanto, a cidade passou por mudanças do seu perfil econômico, encontrando no setor de tecnologia uma atividade econômica que se identificou com o perfil da localidade, respeitou os elementos naturais e técnicos da região e se tornou um importante componente para o desenvolvimento territorial.

Diante dessa convergência entre os setores turístico e tecnológico já consolidada em tantas localidades e a busca pela buscou-se um aprofundamento teórico acerca do tema. No entanto, na literatura,

os estudos sobre a cooperação entre os *clusters* supracitados ainda são incipientes, segundo Martins, Fiates e Pinto (2016). Deste modo, visando contribuir com a temática emergiu a motivação da presente pesquisa.

Neste contexto, emerge o seguinte questionamento: *de que forma ações conjuntas e articuladas entre os agentes dos clusters de turismo e de tecnologia de Florianópolis têm ocorrido sob uma perspectiva de governança territorial?*

Para responder este questionamento, este artigo tem como objetivo **analisar as ações conjuntas articuladas entre os agentes dos clusters de turismo e de tecnologia de Florianópolis confrontando-as com os condicionantes de governança territorial.**

Esta pesquisa justifica-se do ponto de vista teórico na medida em que contribui para minimizar a lacuna teórica sinalizada por Martins (2017), reforçando um tema inovador e interdisciplinar que, muito embora seja na prática internacional comum, poucas publicações científicas explicam a convergência dos temas, especialmente no Brasil. Também se mostra relevante do ponto de vista empírico, uma vez que abre a agenda para: melhor compreensão de características de desenvolvimento territorial que ocorrem via convergência turística e tecnológica; identificação de problemas e desenvolvimento de soluções a partir das tecnologias geradas no próprio território; construção de políticas públicas e parcerias público privadas; aplicação de programas de forma sistemática como estímulo de desenvolvimento entre os atores dos diferentes *clusters*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Essa seção apresenta os conceitos teóricos que subsidiaram a análise das ações conjuntas a partir de condicionantes de governança territorial. Para tanto, passa-se a compreender o desenvolvimento territorial e o papel dos agentes e modelos de articulação.

2.1 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: O PAPEL DOS AGENTES E MODELOS DE ARTICULAÇÃO

Segundo Pires (2007, p. 160), o desenvolvimento territorial pode ser entendido como: [...]um processo de mudança social de caráter endógeno, capaz de produzir solidariedade e cidadania comunitária, e de conduzir de forma integrada e permanente a mudança qualitativa e a melhoria do bem-estar da população de uma localidade ou de uma região.

Percebe-se que o conceito de desenvolvimento territorial envolve analisar o papel dos múltiplos agentes, das instituições, da sociedade e até mesmo da cultura no espaço social. As sinergias existentes entre esses agentes de uma localidade específica geram externalidades positivas tais como geração de renda, emprego, preservação das especificidades culturais e demais características que podem ser aproveitadas por essa localidade (MARIANI; ARRUDA, 2010).

Com isso, Romero e Nunes (2013) assinalam que o desenvolvimento de relações privilegiadas entre agentes econômicos (as empresas) e as outras organizações (agentes institucionais e sociais) é uma das grandes vantagens associadas aos *clusters*. Mais do que aproximar as empresas, esses espaços de desenvolvimento, dinamizam os processos de sinergias e os consequentes benefícios por eles gerados.

Desta forma, quanto mais confiáveis as conexões a partir de um cluster, maior a capacidade de difusão de informação e conhecimento em tempo real. Ressalta-se que essas conexões podem ocorrer formalmente ou informalmente, o que permite compreender o nível e as características da cooperação horizontal ou vertical associada à evolução do processo de governança.

Nesta lógica, considera-se que a cooperação horizontal ocorre quando se estabelece um grau elevado de conhecimento e confiança entre agentes de um cluster ou entre *clusters*. A complexidade do contexto atual em que as organizações estão submetidas somada a alta especialização emergente da divisão do trabalho faz com que os agentes dos *clusters* busquem construir suas relações diretamente com o grupo por perceber que os resultados/oportunidades da união, superam o trabalho individual. Já, ao contrário disso, quando se tem uma menor especialização e grau de confiança entre os agentes, há a necessidade de maior intermediação para a construção de relações de cooperação, conforme interpretou-se de Romero e Nunes (2013) na caracterização da cooperação vertical.

Quando se fala em agentes, resgata-se os modelos tradicionais do Triângulo de Sábado (SÁBATO; BOTANA, 1968) ou da Tríplice Hélice (ETZKOWITZ; LEYDESDORF, 1995) que centram-se sobre as relações indústria-governo-universidade. Para a Tríplice Hélice, as universidades além de fonte de geração de conhecimento, fornecem estímulo e suporte às empresas. As empresas (indústria), por sua vez, não se limitam a produzir bens ou prestar serviços, mas preocupam-se também com a formação e compartilhamento de conhecimento. Já os governos, estimulam os empreendedores e atuam provendo capital de risco, além de desempenharem o papel tradicional de regulamentação (ETZKOWITZ, 2002).

Acrescenta-se a este cenário, a articulação com as chamadas organizações híbridas: organizações que internalizam o relacionamento entre as três esferas, estimulando e criando um espaço de interação, sendo capazes de aumentar a taxa de inovação e de criatividade, tanto em nível organizacional, quanto tecnológico (ETZKOWITZ, 2002). São exemplos, as aceleradoras, as incubadoras de empresas e os parques tecnológicos.

Entretanto, o modelo da Tríplice Hélice evoluiu, acrescentando em sua composição a Quádrupla e a Quíntupla Hélice. O modelo da Quádrupla hélice, incorpora ao modelo da Tríplice hélice as perspectivas de mídia e cultura, bem como o da sociedade civil. Ainda, associa a mídia às indústrias criativas, cultura, valores, estilos de vida, arte e classe criativa (CARAYANNIS; BARTH; CAMPBELL, 2012; CARAYANNIS; RAKHMATULLIN, 2014; MINEIRO *et al.*, 2018).

O último modelo, o de Quíntupla hélice, trata de uma visão ampliada que, além de considerar a Tríplice e Quádrupla Hélices, adiciona ainda o “ambiente natural”. Destaca que os ambientes naturais da sociedade e da economia são vistos como drivers para a produção de conhecimento e inovação, definindo, portanto, oportunidades para a economia. Deste modo, construir-se-ia uma situação vantajosa entre ecologia, conhecimento e inovação, tal como, criação de sinergias entre economia, sociedade e democracia (CARAYANNIS; BARTH; CAMPBELL, 2012; MARTINS, 2017).

Assim, as iniciativas ou ações expressam um efeito sistêmico cujas relações são mútuas e interdependentes entre os agentes sociais, econômicos e institucionais que parte de um sistema de inovação, influenciam esse sistema e por ele são influenciados (DALLABRIDA, 2006; MENZEL, FORNAHL, 2007; MINEIRO *et al.*, 2018). Em outras palavras, uma vez que essas configurações favorecem relações flexíveis e ágeis, especialmente quando há uma variedade de agentes dos setores locais, torna-se imprescindível a utilização de mecanismos, tal como a Governança Territorial (ANDRIGHI; HOFFMANN, 2010).

2.2 GOVERNANÇA TERRITORIAL: CONCEITOS E CONDICIONANTES

A governança territorial trata da emergência de novos acordos institucionais (formais e informais) de governação que vão além do Estado, e que procuram articular e desenvolver mecanismos de cooperação, participação e influência (SWYNGEDOUW, 2005).

Segundo Chamusca (2013), a governança territorial compreende uma forma de regulação orientada ao coletivo. Segundo o autor, esse tipo de governança passa a incluir: uma visão comum de qualidade de vida; a participação dos cidadãos, grupos de interesse e atores nos processos eleitorais, administrativos e de elaboração de políticas. Nesta abordagem de governança os desejos e necessidades dos diferentes grupos e cidadãos devem ser considerados na formulação, execução, monitoramento e avaliação dos programas e projetos de governança (o que requer confiança nos que governam); a mobilização de recursos para atingir bons resultados; e, por fim, a resolução institucional (via diálogo) de conflitos e diferenças que possam vir a existir.

Nesse sentido, Silva Pires *et al.* (2011) destacam que é comum dois movimentos fazerem parte do contexto da governança territorial: o da descentralização política administrativa do Estado e o desenvolvimento de estratégias de governança. Além disso, compreende-se que a governança territorial passa a ser construída na medida em que os agentes locais procuram articular-se no intuito de conquistar benefícios que vão além do aproveitamento de vantagens competitivas locais decorrentes de economias externas. Ou seja, quando tentam tomar iniciativas coletivas ou desenvolver ações conjuntas, estreitando suas interdependências no sentido de alcançar a eficiência coletiva.

Dessa forma, os autores corroboraram com o trabalho de Fuini (2010) que afirma que o modelo de desenvolvimento é por natureza territorializado, ou seja, as estruturas de governança são consideradas

alavancas de competitividade e de desenvolvimento territorial das regiões e *clusters*, pois englobam uma série de mecanismos sociais e políticos como convenções culturais, instituições e organizações que buscam obter fatores positivos, via vantagens competitivas e externalidades regionais, e também assegurar o bem-estar da comunidade e maximizar as economias locais. De acordo com Silva Pires *et al.* (2011), a governança territorial é melhor compreendida a partir de um conjunto de condicionantes que expressem formas de configurações e organizações das relações sociais entre um conjunto de agentes, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Condicionantes de Governança Territorial

| |
|--|
| Proximidade – condiciona o estabelecimento de agrupamentos de atores com laços mais ou menos coesos, tais como: <i>proximidade geográfica</i> – a distância espacial entre empresas e suas localizações; <i>proximidade organizada</i> – proximidade entre atores que pertencem ao mesmo espaço de interações de diferentes naturezas; <i>proximidade institucional</i> – intersecção entre os dois outros tipos de proximidade envolvendo relações de confiança, cooperação, interação tecnológica e ancoragem territorial. |
| Atores – são definidos como indivíduos ou grupos. Na ação coletiva, há a formulação de normas (ou regras) para orientar o comportamento. O Estado está presente, sobretudo quando se trata de questões ligadas à governança territorial, desenvolvimento e políticas públicas. |
| Instituições – associadas tanto aos indivíduos quanto às representações sociais, referem-se às regras do jogo social internalizadas pelos atores, auxiliando-os como guias para seus comportamentos em um dado contexto. |
| Normas – orientam a conduta dos atores. As normas podem ser: legais, quando estão juridicamente reconhecidas pelo Estado; formais, quando reconhecidas dentro das instituições e grupos; ou informais, quando produzidas pela prática dos atores. São baseadas em valores ou crenças e podem influenciar o comportamento do ator. Quando os padrões são recorrentes, tornam-se institucionalizados. |
| Convenções ou cooperação – regras práticas consentidas, rotinas de ação entre parceiros para diferentes tipos de relações pontuadas pela incerteza. Baseadas no apoio mútuo (relações de confiança), as convenções consolidam a coordenação de cadeias através de regras formais e contratos em instituições formais e abertas; e, de forma indireta por interdependências não comerciais entre atores, sendo, assim, garantia da efetividade de uma instituição e de toda a estrutura de governança. |
| Recursos e ativos – fatores não necessariamente mercantis, mas eminentemente sociais e culturais, que estimulam a diferenciação dos territórios, pela tipologia dos recursos e ativos territoriais, genéricos (totalmente transferíveis espacialmente através de trocas mercantis; seu valor no processo produtivo é uma questão de preço) e específicos (alto custo de transferência ou custos que não podem ser dimensionados, definindo seu valor em função das condições de seu uso e dos processos interativos e cognitivos engendrados no ambiente histórico-cultural em que são configurados). |
| Estrutura das relações – relações de poder que podem expressar a dominância (liderança) de um ator sobre o outro a partir do número de relações/parceiros e das competências especializadas que este ator possui. |
| Hegemonia – a preponderância ou supremacia de um grupo social sobre outros grupos sociais. É a capacidade de direção política, de conquistar alianças, de fornecer uma base social ao Estado ou a grupos de interesses, mas também de direção moral, cultural e ideológica. |
| Capital social – características da organização social, como confiança, normas, organização, instituições e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. |

Fonte: Silva Pires *et al.* (2011).

Com o Quadro 1, Silva Pires *et al.* (2011) buscam alertar que para unir em cooperação os diversos agentes econômicos, sociais e institucionais e chegar ao que se compreende por governança territorial é necessário além do trabalho em cooperação, a construção de mecanismos e ambientes que fortaleçam as relações e, portanto, as cooperações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com abordagem qualitativa esta pesquisa pode ser classificada quanto ao seu objetivo como descritiva. Pois, seu intuito é analisar as ações conjuntas articuladas entre os agentes dos *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis e confrontá-las com os condicionantes de governança territorial.

Ressalta-se que buscando direcionamento e apoio para a pesquisa foram realizadas entrevistas prévias com especialistas dos *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis. A cidade de Florianópolis

foi escolhida intencionalmente por apresentar agentes acessíveis de ambos os *clusters*, eventos que já sinalizavam o fenômeno estudado e por serem determinantes na economia da cidade. No turismo fortalecido pelas atividades tradicionais relacionada à cultura do mar como a gastronomia. E, na tecnologia, apresentando a maior taxa de empresas por habitante do país (5 empresas para cada mil habitantes) e, sendo responsável, juntamente com as cidades da Grande Florianópolis, por mais da metade do faturamento do setor no estado (56,2%) (YIGITCANLAR *et al.*, 2018; ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA (ACATE, 2020).

Conhecendo esse contexto prévio, a estratégia e análise bibliográfica auxiliou na identificação dos agentes e das ações coletivas realizadas entre os agentes. Essas foram identificadas a partir das notícias, acordos e documentos que registrassem ações de natureza coletiva a partir de dados secundários coletados nos sites institucionais como da Prefeitura Municipal de Florianópolis, FloripAmanhã, Secretaria Municipal de Turismo, Secretaria Municipal de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, etc. Uma vez identificados os principais agentes e ações coletivas dos *clusters* de turismo e de tecnologia, utilizou-se a estratégia de estudo de caso para compreender o fenômeno considerando as suas particularidades e complexidade, pois conforme destaca Stake (1994) o intuito é evidenciar características únicas do caso em questão.

Em posse dos dados secundários a análise aplicada considerou para identificação dos agentes de Florianópolis dos *clusters* de turismo, tecnologia e das Instituições que transitam entre os *clusters*, os conceitos do Triângulo de Sábato, da Tríplice, Quádrupla e Quíntuplas hélices. Assim, os seguintes agentes locais corresponderam as Empresas, Universidades, Governo e Sociedade Civil (SÁBATO; BOTANA, 1968; ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1995; ETZKOWITZ, 2002; CARAYANNIS; BARTH; CAMPBELL, 2012). Além de atores representantes desses agentes, outros foram identificados a partir da coleta inicial dos dados primários, e deste modo, acrescentados.

A coleta consistiu então, na realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas em novembro de 2016 (durante construção do documento de tese de Doutorado) com 18 especialistas dos setores aqui estudados. Foram 10 (dez) entrevistados do Turismo, cinco (5) da Tecnologia e, três (3) de Instituições que transitavam entre os dois *clusters* e que por eles, foram indicados. Desta forma, basicamente os entrevistados responderam a três perguntas abertas: a) quais as principais ações adotadas pela sua instituição ou setor para fomentar o desenvolvimento local/territorial? b) já existe ou se prevê cooperação/colaboração ou estratégia firmada entre os *clusters* em Florianópolis? c) qual o reflexo das ações conjuntas dos *clusters* para o desenvolvimento local/territorial caso existissem (empregos, renda, cultura)?

Os convites iniciais foram feitos por telefone e assim que obtidos os aceites e agendadas as entrevistas, estas foram gravadas sob autorização e transcritas para análise nessa pesquisa. Considerando os preceitos da ética de pesquisa, optou-se por não identificar os entrevistados, substituindo os nomes verdadeiros por nomes fictícios. Dessa forma, os Entrevistados do cluster de Turismo foram na análise chamados de EntrevistadoTour1 para o primeiro entrevistado, EntrevistadoTour2 para o segundo, etc. Já para os Entrevistados do cluster de Tecnologia, nomeou-se como *EntrevistadoTech1* para o primeiro entrevistado, *EntrevistadoTech2* para o segundo e assim por diante. Para os três entrevistados das Instituições, utilizou-se EntrevistadoInst1, EntrevistadoInst2 e EntrevistadoInst2.

Em tempo, sobre os entrevistados, destaca-se que todos são possuidores de ampla experiência em suas respectivas áreas - média 15 anos - e, formação acadêmica compatível com a área de atuação.

Para a definição das categorias exigidas pela análise de conteúdo (BARDIN, 2016), que guiaram a análise da Governança Territorial de Florianópolis, considerou-se as condicionantes elencadas no estudo de Silva Pires *et al.* (2011) e apresentadas na seção anterior, no Quadro 1.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Essa seção apresenta os resultados e análises da pesquisa.

4.1 Agentes e ações coletivas dos clusters de turismo e tecnologia de Florianópolis

A análise dinâmica, econômica e social local implica na identificação dos agentes e de suas interações em determinado território (SILVA PIRES *et al.*, 2011). Neste sentido, tanto o cluster de turismo, quanto o de tecnologia carregam consigo o efeito sistêmico, corroborando a visão de Menzel e Fornahl (2007).

Diante disso, sem a presença de grandes indústrias, a Ilha encontrou no turismo e na tecnologia uma forma de crescimento, valorização e notoriedade perante o mercado nacional e internacional. Especialmente, no que tange o setor de tecnologia, atribui-se este sucesso ao esforço dos diversos agentes do território que compõem o cluster (SILVA PIRES *et al.*, 2011). Desta forma, ilustra-se no Quadro 2 os principais agentes de cada cluster.

Quadro 2 – Agentes dos clusters de Turismo e de Tecnologia

| | Cluster de Turismo | Cluster de Tecnologia |
|---|---|--|
| Instituições privadas/ capital fechado | Florianópolis Convention & Visitors Bureau; Empresas privadas de diversos setores (exemplo: Guacamole Cocina Mexicana, Cinesystem Florianópolis, Fields Floripa etc.), Sapiens Parque. ICities Smart Solutions. | Empresas privadas (Peixe Urbano, Intelbras, Dígito etc.); Sapiens Parque. |
| Instituições públicas de gestão | Nível local – Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico; Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF); Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico Sustentável (SMCTDES); estadual – Secretaria de Estado de Turismo Cultura e Esporte, Secretaria de Estado da Organização do Lazer (SOL), SANTUR; nacional – Ministério do Turismo e Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR); internacional – Ministério de Relações Exteriores; Organização Mundial do Turismo OMT; Conselho Mundial de Viagens do Turismo (WTTC). | Nível local – Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico; estadual – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDS), vinculada a Diretoria de Ciência, Tecnologia e Inovação; nacional – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC); internacional – Ministério das Relações Exteriores. |
| Instituições de fomento | Nível estadual : Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e Agência de Fomento de Santa Catarina S.A. (BADESC); Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC). | Nível estadual : BADESC, FAPESC, BRDE; FUNCITEC; nível nacional : FINEP, CNPq, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS). |
| Instituições de economia mista | Companhia de Desenvolvimento do Estado Santa Catarina (CODESC). | |
| Representação Sindical | Sindicato de Hotéis, e Restaurantes, Sindicato das Agências de Viagens etc. (LINS, 2006). | nível estadual : Sindicato dos empregados em empresas de processamento de dados de Santa Catarina (SINDPDSC). |

| | | |
|--|--|---|
| Instituições de ensino públicas ou privadas | Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC); Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); Instituto de Ensino Superior da Grande Florianópolis (IES); Estácio de Sá; Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), etc. | UFSC; UDESC; IFSC; SENAC; IES; Estácio de Sá; UNISUL; UNIVALI; Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina (UNISOCIESC). |
| Associações/Fundações/Institutos | Nível local/estadual : Associação FloripAmanhã; Fórum de Turismo de Florianópolis (Fortur); Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF); Federação de Convention & Visitors Bureau do Estado de Santa Catarina (FCVB-SC); Associação Brasileira de Agências de Viagem de Santa Catarina (ABAV-SC); Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Santa Catarina; Fundação Pro-turismo (ABIH-SC); Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de Santa Catarina (ABRASEL-SC); CERTI; nível nacional : ABIH; Fundação Cepa/Brasil. | Nível local : CERTI; FloripAmanhã; Fortur; Associação de <i>Business Angels</i> Floripa <i>Angels</i> ; nível estadual : FAPESC; ACATE; RECEPETI; nível nacional : ANPROTEC; nível internacional : <i>International Association of Science Parks</i> (IASP); Instituto Internacional de Inovação (I3). |
| Sociedade Civil Organizada | Nível local da sociedade de Florianópolis, destacam-se os pescadores, artesãos e os demais chamados "nativos" que carregam as tradições culturais açorianas. | Nível local , se mobilizam para buscar construir uma cidade mais desenvolvida. |
| Instituições de regulação e normatização | Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON); Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). | Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO). |
| Redes/ Instituições híbridas de apoio: | Nível estadual : SEBRAE/SC; FIESC. Nível nacional : Ministério do Turismo | Nível estadual : Rede Catarinense de inovação (RECEPETI); FIESC; SEBRAE/SC; CVENTURES; Floripa <i>Angels</i> ; <i>Triaxis</i> Capital, Rede de investidores Anjos (RIA)/SC; MIDI Tecnológico, CELTA; Labelectron; ParqueTec Alfa e Sapiens Parque. Nível nacional : Redesist; Instituto Nacional de Empreendedorismo e Inovação (INEI); Sistema Brasileiro de Tecnologia (SIBRATEC), ANPROTEC. |

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observa-se que ao comparar os agentes de ambos os *clusters*, já é possível visualizar que alguns desses agentes transitam no turismo e na tecnologia, tais como o Sapiens Parque que mesmo sendo destaque na tecnologia por ser um parque tecnológico trata o turismo com uma das dimensões basilares de sua configuração, inclusive com a instalação de equipamentos turísticos na área do parque de forma a integrar os *clusters*.

Quanto às Instituições Públicas de Gestão, a Prefeitura Municipal de Florianópolis em sua Gestão 2017-2020 tem avançado no reconhecimento da importância de trabalhar ações conjuntas entre os dois *clusters*, pois integrou a antiga Secretaria Municipal do Turismo (SETUR) e a Secretaria Municipal de Ciência,

Tecnologia e Desenvolvimento Econômico Sustentável (SMCTDES) formando a Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, responsável pela gestão de ambos os *clusters* da cidade.

Instituições como BADESC, FAPESC, BRDE, CODESC; as principais Universidades da cidade e do Estado, a Sociedade Civil Organizada FloripAmanhã, a Fortur, Fundação CERTI, SEBRAE/SC, FIESC também podem ser destacadas na identificação dos agentes dos *clusters* aqui estudados. Uma vez identificados os agentes, buscou-se inicialmente através dos sites institucionais dos mesmos, identificar as ações coletivas possivelmente estabelecidas entre os dois *clusters*, conforme ilustra o Quadro 3.

Quadro 3 – Ações Coletivas entre *Clusters* de Turismo e Tecnologia

| |
|---|
| <p>Projeto Rotas da Inovação – Iniciativa da Prefeitura Municipal de Florianópolis, por meio da SMCTDES, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Fundação CERTI, ACATE e Sapiens Parque. Esta iniciativa tem como objetivo criar um roteiro tecnológico, econômico e turístico. “A ‘Rota da Inovação’ terá um efeito estruturante, articulador e simbólico no desenvolvimento de ações inovadoras em Florianópolis (SAPIENSPARQUE, 2013).</p> |
| <p>Fórum de Turismo de Florianópolis (Fortur) – Construído por iniciativa de um grupo de entidades representativas – Associação Brasileira de Agentes de Viagem de Santa Catarina (ABAV-SC); Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC) Brasil/SC; ABIH-SC; Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL); Associação Náutica ACATMAR; Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF); Associação FloripAmanhã; Aquavia Gastronômica do Canal da Barra; CDL; FCVB; Resorts Brasil e Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Florianópolis (SHRBS) – busca criar a sinergia entre as entidades, o poder público e a sociedade. O Fórum, coordenado pela Associação FloripAmanhã, foi criado em 2014 e seus objetivos gerais são: ser um Fórum permanente de discussão sobre o desenvolvimento de um turismo sustentável e de qualidade; pensar e propor a cidade que queremos para viver e receber turistas; discutir o planejamento turístico da cidade em conjunto com o poder público; propor e acompanhar a implementação de políticas públicas ligadas ao turismo (FLORIPAMANHÃ, 2016).</p> |
| <p>Pacote Floripa Inteligente – Iniciativa da SETUR (PMF) o pacote utiliza a tecnologia em favor do turismo, através da disponibilização de informações turísticas e atrações de Florianópolis em sites ou apps, tais como o aplicativo Vivendo Floripa. A inovação no turismo é a premissa (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2016).</p> |
| <p>Seminário 1 e 2 Brasil Espanha – de Inovação Tecnológica em Turismo – Coordenado pelo IFSC e com parcerias com FIESC, MCTI, Ministério do Turismo, universidades espanholas e brasileiras, empresas privadas e instituições públicas relacionadas aos setores de turismo e tecnologia, o Seminário busca discutir o tema inovação de base tecnológica no turismo (DESTINOS INTELIGENTES, 2016).</p> |
| <p>Smart City Florianópolis (LabChis) – Iniciativa de pesquisadores da Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina, o LabChis se trata de um laboratório tem se consolidado por apoiar as cidades a se tornarem mais “Humanas, Inteligentes e Sustentáveis” (CHIS) frente aos diversos problemas urbanos enfrentados atualmente nos municípios. Mantém corpo de pesquisadores (mestres e doutores) e parcerias com universidades e institutos de pesquisa nacionais e internacionais (LABCHIS, 2020).</p> |
| <p>Smart City Fórum Floripa 2018 (versão de bolso Smart City Expo) – é um evento coordenado pela ICities Smart Solutions, uma empresa em formato de sociedade anônima fechada, representante FIRA Barcelona que busca fornecer soluções para tornar as cidades mais inteligentes. Articulamos soluções para a esfera pública, em conjunto com a esfera privada, a fim de desenvolver novas concepções ao desenvolvimento urbano e de promover uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. Apostamos na conexão de seis grandes eixos: Empreendedorismo de Impacto (Startups), Economia Criativa, Sustentabilidade, Energia Limpa, Tecnologia e Conectividade. Somos pioneiros no mercado de cidades inteligentes e nosso know-how garante projetos práticos e eficazes (ICITIES, 2020).</p> |

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020).

Dentre as 32 ações coletivas analisadas a partir dos sites institucionais dos agentes identificados, percebeu-se que formalmente ações estabelecidas entre os dois *clusters*, os quais se conseguiu acesso, foram seis (6). Observou-se que as iniciativas e coordenação das ações identificadas a partir dos dados secundários em sua maioria foram a partir da Prefeitura Municipal de Florianópolis, UFSC, IFSC e ICities.

Nesta lógica, Romero e Nunes (2013) salientaram uma cooperação verticalizada, dado o nível de conhecimento e confiança ainda em estágio inicial de construção. Assim, buscou-se então, aprofundar o conhecimento sobre as ações na prática, por meio da percepção dos agentes.

4.2 As ações coletivas na perspectiva de seus agentes

Os 18 entrevistados foram questionados acerca da promoção de ações coletivas a partir de seu cluster e da existência de algum projeto de cooperação em andamento ou previsto entre o turismo e a tecnologia que tenham conhecimento.

Neste sentido, o EntrevistadoTour3 sinaliza que até se incentiva a cooperação em geral, mas, que estas ações são realizadas de maneira voluntária pelas entidades e associações de classe. Os entrevistados explicam que as ações coletivas entre a tecnologia e o turismo são relativamente recentes e que ainda precisam ser potencializadas, embora seja clara a falta de liderança – que, por sugestão dos entrevistados, deveria ser de iniciativa pública ou de instituições como FIESC e SEBRAE que transitam nos dois setores (ENTREVISTADOTOUR1,2,3,5,6; ENTREVISTADOINST1,2,3). A escassez de recursos na esfera pública e a falta de maturidade na esfera privada dificultam tal aprimoramento.

Em continuidade, ressalta-se que os EntrevistadoTour1,3,4,5 e 6 não reconhecem localmente (ou seja, em Florianópolis), ao menos de maneira organizada, uma mobilização voltada para o fortalecimento da relação entre o turismo e a tecnologia. O EntrevistadoTour1 lamenta, pois “estamos vendo no mundo inteiro que cada vez mais a relação nos dois setores tem se fortalecido, muito por Parceria Público-privada (PPP)”, exemplo disso, é “o porto de Barcelona que há três anos atrás era perigoso circular, mas hoje está totalmente tecnológico, *wi-fi* liberado, mudou tudo!”. O que corrobora com os resultados da pesquisa de Martins (2017) sobre na prática em nível global, as cooperações entre os setores do turismo e de tecnologia já existem.

Os mesmos entrevistados ainda citam que talvez existam cooperações isoladas entre os dois *clusters*, o que muitas vezes ocorre com o intuito de suprir uma demanda de algum player. Mas, como cooperação contínua e sistemática, dizem que não existe, pois falta apoio político para isso (ENTREVISTADOTOUR1,3,4,5 e 6). Em contraponto, o EntrevistadoTour2 cita que se têm, em âmbito local, contratos de cooperação entre os dois setores. Seria exemplo disso, uma parceria formal que a Santur possui com o Sapiens Parque. Segundo ele, é de interesse da Santur promover o complexo Sapiens, de forma a atrair turistas. Ele só lamenta que: “[...] muitos do turismo não pensem assim e, não façam nada para fomentar isso”. Com isso, o entrevistadoTour2 busca esclarecer que infelizmente, são poucos agentes de seu cluster que buscam fomentar a cooperação com o cluster de tecnologia, pois é uma relação por ele imprescindível atualmente.

Nesse sentido EntrevistadoInst1,3 corroboram com a importância dessa cooperação, uma vez que “[...] quando se tem um trabalho em conjunto todo mundo ganha, mas aqui em Florianópolis, estes dois setores estão cada um para o seu lado” e, “[...] o setor de turismo tem caminhado para um turismo inteligente”.

Em complemento, o EntrevistadoInst 2 cita:

Então, eu vejo que os dois caminham juntos. Logo essa importância é fundamental, pois se eu tenho um setor de turismo que para atingir seu potencial, ele precisa ser inteligente e, ele está presente dentro de uma cidade que é característica a tecnologia, naturalmente esse turismo local ao invés de ele buscar os seus recursos e suas necessidades em outros lugares do Brasil, ele se autoalimenta. Só que isso aumenta a responsabilidade dele, pois ele tem por obrigação ser melhor do que quaisquer outras regiões, pois ele já é dotado de condições naturais melhor do que os outros lugares e ele tem presença de empresas de alta tecnologia, significa por natureza ou por um arranjo de tecnologia que se instalou aqui, nós temos por obrigação de ter um turismo melhor. Então, a simbiose entre os dois é, foi, tem se intensificado e se tornará indispensável.

Com isso, é percebida da importância de cooperação entre os setores, todavia, parece faltar uma espécie de liderança para seu desenvolvimento. Nessa linha, o EntrevistadoTour2 diz que se espera da Setur a assunção do papel de líder para desenvolvimento de cooperação entre os dois setores, mas, como isso não ocorre na prática, geralmente é a área privada que acaba liderando estas ações. Diante disso, o entrevistado coloca em dúvida a coordenação identificada nas ações coletivas dos dados secundários, o que reforça a possibilidade de que essas coordenações por ação da área pública sejam apenas proformas.

Já o EntrevistadoTour8 contradiz a informação de que a Setur não assume o papel de liderança, pois para ele, isso ocorre através do Conselho de Turismo ao efetuar reuniões periódicas no setor. Todavia, o EntrevistadoTour8 não deu detalhes do envolvimento do setor tecnológico nestas reuniões e apenas citou o projeto de mesas interativas instaladas na Rodoviária Rita Maria, em que uma solução da tecnologia é utilizada para o turismo, possibilitando aos turistas uma viagem virtual por Florianópolis, segundo ele. Isso tem sido questionado pela mídia, pois, ao se investigar a situação dos Centros de Atendimento ao Turista (CATs) nota-se que a infraestrutura é precária, pois não funcionam banheiros, computadores, nem a internet, nem as referidas mesas interativas (G1, 2017). Tal fato sugere que o EntrevistadoTour8 tem uma visão ideal da relação, porém esta ainda não se reflete na realidade.

Em nível estadual, o EntrevistadoTour5 cita que a FIESC, através do Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC) e da implantação de centros de inovação, vem buscando aproximar os dois setores. Segundo o EntrevistadoTour5, Florianópolis terá um centro de inovação dentro do Sapiens Parque que possibilitará discutir essa integração. Segundo ele, “não é preciso reinventar a roda, é só aplicar o modelo utilizado na tecnologia para o turismo”. Além disso, a FIESC (2017) vem desenvolvendo as rotas estratégicas setoriais que, justamente, voltam-se para esta integração.

Cabe ressaltar que os centros de inovação, se utilizados de forma coletiva, podem fortalecer a integração dos dois setores. Schmitz e Nadvi (1999), inclusive, adicionam a criação de marcas próprias de denominação local, o que já vem sendo trabalhado na cidade com a logomarca capital da inovação (ACATE, 2016), com o fomento de redes – caso da Recepeti, da Acate e do Fortur –, mas que também pode ocorrer através de compras de matérias-primas, consórcios de exportação, criação de instituições de ensino e formação profissional, segundo Schmitz e Nadvi (1999).

Em consonância, o EntrevistadoTour7 e o EntrevistadoTour10 citam que, para buscar fortalecer o turismo e solucionar seus problemas, tem-se trabalhado em conjunto com 13 instituições a partir do Fortur, inclusive o cluster de tecnologia, que é representado pela ACATE. Todavia, o EntrevistadoTour10 diz que o setor de tecnologia nunca pediu o apoio do trade e que, embora o turismo já tenha perdido grandes eventos de tecnologia como FutureCom, é preciso criar outros, e isso não deve partir do setor de turismo ou do FCVB, mas sim do setor de tecnologia, que será certamente apoiado por eles.

Cabe lembrar que o Cluster de Tecnologia já vem desde de 2013 contribuindo para criação de grandes eventos, à exemplo disso, cita-se o RD Summit, um evento de Marketing Digital, que apesar de iniciar em sua primeira edição (2013) com apenas 300 participantes, passou a reunir em Florianópolis em 2019, sua última edição, 13.000 participantes (CONEXORAMA, 2019).

Cabe lembrar que, segundo Korres (2008), Buhalis e Law (2008), Farias *et al.*, (2011), Silva e Teixeira (2014), o novo ambiente de negócios influenciado pelo avanço tecnológico está posto para todos os setores, demandando inúmeras mudanças. Pode-se dizer, assim, que para inovar é preciso cooperar, já que a inovação exige uma base de conhecimento complexa, tornando difícil a execução do processo de forma isolada, motivando, assim, a formação de redes (PELLEGRIN *et al.*, 2007; QUANDT, 2012). Isso fortalece a possibilidade de integração dos *clusters* aqui estudados que, para atingirem o desenvolvimento territorial, precisam inovar, o que implica cooperar.

Retomando as palavras do EntrevistadoTour7 e do EntrevistadoTour10, ressalta-se que o Fortur e o FCVB vêm procurando a UFSC, o IFSC e o Sapiens Parque, intermediando relações institucionais entre diferentes agentes e setores para incentivar a cooperação. Segundo o EntrevistadoTour7, “não se deve ficar só na arquibancada xingando, vem para dentro de campo, vem sentir a realidade do mercado”. Segundo o EntrevistadoTour10, o FCVB é muito eclético e democrático e, por isso, acaba liderando esse processo de ações conjuntas, porque flutua e navega em todos os setores.

Nesse ponto, cabe o seguinte questionamento, se o FCVB é considerado tão eclético ao ponto de liderar ações conjuntas, por que esperar da tecnologia um pedido de apoio e não se dispor antes disso, para aproximar os dois setores? Segundo o EntrevistadoTour9, isso ocorre, pois “há uma corda de elástico”, uma vez que se percebe um setor competindo com outro para dizer quem é mais representativo economicamente para o município e quem emprega mais.

Para o *EntrevistadoTech1* do cluster de Tecnologia essa tensão não parece tão significativa, uma vez que já tem conhecimento de projetos políticos na cidade de Florianópolis que abordam a cooperação entre os dois *clusters*. O projeto que o *EntrevistadoTech1* se referiu se tratava do Projeto Florianópolis 2020, um projeto político liderado pelo Partido Progressista para promover debates com a sociedade civil e representantes dos setores produtivos e para construir um conjunto de ações em prol do futuro da sociedade. Esse projeto surgiu em 2016 e coletou mais de mil contribuições entre propostas, reivindicações e reflexões via plataforma webcidadania, tais como Martins (2017, p. 266) apresenta:

Rodrigo Duarte da Silva – CIDADE DIGITAL – aproveitar a vocação da cidade para o Turismo e Tecnologia e desenvolver em toda a Educação, Saúde e demais, uma cultura fomentadora do mundo digital. Fazer benchmarking de todas as iniciativas da Califórnia e Cingapura neste sentido!!!

Juliana Cristina Gallas – Excelente proposta, além de aproveitar os recursos locais, certamente estabelecerá uma rede de contatos que favorece toda a população local e também o turismo.

Marcos Aurelio Geremias – Continuar o investimento com tecnologia e oferta de serviços via app e web para os cidadãos. Como benefício redução de custos com pessoal, e atendimento individualizado.

Rodrigo Duarte da Silva – Wi-fi grátis e de alta velocidade via Totens altos/robustos de Atendimento Virtual (Pró-Cidadão Digital) em TODOS os bairros e praias de Floripa.

Na época, a sociedade civil se mostrou ativa e atenta para a tendência internacional de cooperação entre os *clusters* aqui estudados, inclusive reconhecendo a vocação e importância destes para Florianópolis. Adicionalmente, o *EntrevistadoTech3* expõe que, por parte do cluster de tecnologia, a cooperação já faz parte da rotina e este modelo faz com que suas empresas já estejam preparadas para trabalhar em conjunto, ainda que, em geral apenas entre as próprias empresas do cluster. Segundo ele, é “onde nasce a capital da inovação [e], faz com que as informações cheguem rápido em todas as empresas, em todas as pontas”.

Em outras palavras, o *EntrevistadoTech3* na realidade enfatiza a natureza colaborativa já existente no cluster de tecnologia e por isso, eles estariam preparados para desenvolver cooperações também com o cluster de turismo que por sua vez, teria informações estratégicas, pois Florianópolis é considerada a capita da inovação, justamente por possuir tecnologias avançadas e empresas inovadoras.

Neste sentido, a maturidade do cluster de tecnologia pode estar ligada à sua veia cooperativa. É oportuno lembrar que a cooperação pode ocorrer de diferentes formas tal como entre produtores de um setor com outros produtores, fornecedores, prestadores de serviços de atividades correlatas e articuladas a uma atividade econômica principal, bem como entre instituições públicas e privadas de apoio do sistema. Especificamente, quando a cooperação ocorre entre empresas, são exemplos de formas de colaboração: terceirização, licenciamento, consórcio, aliança estratégica, joint venture e redes (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008; BATTISTELLA; TONI; PESSOT, 2017; ALTENHOFEN *et al.*, 2019). Nas empresas de Florianópolis, a colaboração se manifesta em geral, por meio de terceirização, alianças estratégicas para fins determinados em projetos e redes.

O aproveitamento de sinergias coletivas ou cooperação em rede não só fortalece as chances de sobrevivência e de crescimento de empresas, mas possibilita criar ambientes propícios para promoção de inovação (CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003) contribuindo para o desenvolvimento endógeno de tecnologia e, conseqüentemente, de uma trajetória de desenvolvimento econômico sólido e sustentável (BASTOS; BRITO, 2017). Por isso, uma organização formalizada, estabelecida através de infraestrutura tecnológica e de política de gastos em P&D, é condição essencial para fazer do processo inovativo, altamente profissional e não somente ocasional ou circunstancial (CARIO; PEREIRA, 2001; MINEIRO *et al.*, 2018). A busca pela construção de relações sinérgicas tem sido beneficiada e fortalecida a partir dos aglomerados produtivos ou sistemas inovativos, já que as empresas, especialmente Micro e Pequenas Empresas (MPEs), conseguem, segundo Bergh, Thorgren e Wincent (2011), Carvalho, Zanquetto Filho e Oliveira (2018) diversos benefícios: partilha ou mitigação de riscos; acesso a novos mercados e tecnologias; redução dos custos de transação; aceleração a entrada de produtos no mercado; reunião de competências complementares e a salvaguarda dos direitos de

propriedade em relação a contratos completos; acesso a conhecimentos externos; informações estratégicas para tomada de decisão.

Dando seguimento às entrevistas, o *EntrevistadoTech3* ilustra ainda a relação turismo e tecnologia através da implantação do projeto Sapiens Centro, que revitaliza e moderniza, no centro da cidade, uma área histórica que se poderia bem dizer “morta”, transformando-a em uma área de economia criativa¹. Embora o *EntrevistadoTech3* considere que essa revitalização tenha ocorrido tardiamente se comparada à revitalização efetuada no Recife por exemplo, que possui Recife Novo e Recife Antigo, a ideia é evoluir, fazendo com que a tecnologia e a própria economia criativa atinjam áreas tradicionais.

Para o *EntrevistadoTech4*, a conversa formal entre os dois setores é recente e começou mais formalmente no ano de 2016, com fóruns de comunicação, como o Fortur. Além disso, atuações de entidades como o FCVB, a ACIF e a ACATE são destaques nesta linha. Segundo o *EntrevistadoTech4*, “existe inclusive um objetivo, por exemplo, de criar um calendário de eventos da tecnologia conectado com o calendário de eventos turísticos”.

Com isso, o *EntrevistadoTech4* fala sobre a intenção de construir um calendário integrado de eventos comuns ou relacionados aos setores. O turismo pode por exemplo, demandar do setor de tecnologia suporte para oferta de serviços com melhor qualidade, torna-se importante para Florianópolis. E, a tecnologia fazer uso de seus eventos de negócio para aquecer e transformar o turismo, especialmente em épocas de sazonalidade. Conclui-se assim que, nem o setor de turismo, nem o setor de tecnologia têm conseguido gerir a ocorrência destes eventos e, sobretudo, conectá-los à trajetória da cidade para melhor compreendê-la, mesmo que haja a intenção.

Corroborado com o exposto, o *EntrevistadoTech5* cita que o que existem na realidade, são ensaios para esta cooperação, “não existe um plano de trabalho, não existe um plano de cooperação, não existe um acordo operacional, não existe uma parceria institucional, o que existe são relacionamentos pessoais e ações informais”. Em outras palavras, “são pessoas com disponibilidade, abertura e interesse para trabalhar com a área de tecnologia e vice-versa”. O que existe são relações em âmbito do FCVB, do Fortur, da Secretaria de Turismo Municipal e Estadual (*ENTREVISTADOTECH5*).

Neste sentido, o *EntrevistadoTech5* aprofunda sua fala, ilustrando a importância e, sobretudo, das oportunidades de relacionamentos que os *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis possuem. Seria a primeira oportunidade: os eventos do setor de tecnologia. Por exemplo, temos tido cada vez mais missões técnicas ao Silicon Valley, à Israel, etc., tais missões são organizadas em parte por grupos do setor de turismo local. Além disso, o entrevistado cita a geração local de eventos do setor de tecnologia: eventos comerciais, eventos técnicos, eventos educacionais, eventos promocionais, etc. E, em sua visão seria o primeiro fator de interação entre os *clusters*.

Ainda, o *EntrevistadoTech5* cita a segunda oportunidade: a exploração pelo setor de turismo no uso de ferramentas tecnológicas para aprimorar o turismo local, tal como uso da internet, sites mais adequados de informação, sistemas de GPS, trilhas ecológicas mapeadas mais adequadamente. A terceira oportunidade seria abrir uma agenda formal de relacionamento entre as partes que permitam uma comunicação mais adequada entre as lideranças, os atores. E, quando você tem uma comunicação mais clara e uma integração mais efetiva entre os atores seja no ambiente mais operacional ou no âmbito das lideranças, fica mais fácil de as ideias acabarem surgindo e se desenvolvendo, pois passa a haver um autoconhecimento entre as partes.

E, a quarta oportunidade, segundo *EntrevistadoTech5* seria:

[...] haver um evento efetivamente que fosse enxergado tanto pela área de tecnologia, quanto a de turismo como uma espécie de símbolo desta integração.

[...] No passado havia a semana da qualidade e inovação tecnológica que acontecia na FIESC entre os anos de 1994 a 1998. Aí parou, veio a FutureCom e, mais recentemente a RD Summit que é um evento espetacular, natural que surgiu. E, o RD Summit veio de uma empresa de

¹Um conjunto de atividades, tendo a criatividade como fator mais expressivo para a produção de bens e serviços, favorecendo o desenvolvimento econômico, promovendo a inclusão social a diversidade cultural e o desenvolvimento humano (CLOSS; OLIVEIRA, 2017).

tecnologia que cria um evento que tem uma dimensão estupenda e que o setor de turismo atende como fornecedor, não tem a mínima participação, discussão, nem do cluster de turismo, nem do cluster de tecnologia. Mas, tem um evento de 5.200 pessoas que traz gente do Brasil todo e que é “super” badalado e reconhecido. Então, se tivesse um evento que servisse como um tipo de laboratório para essas discussões, para essas interações, seria extremamente promissor.

Com isso, a relação entre os *clusters* de *TechTour* é promissora em Florianópolis, tanto que o *EntrevistadoTech2* faz um apelo: “nós esperamos que o prefeito acorde a cidade para este segmento [...] nós precisamos realmente ter a cooperação [entre os dois setores], sendo a Prefeitura o grande agente de conexão”. Desta forma, na visão do *EntrevistadoTech2*, a PMF poderia liderar a união entre os *clusters* de turismo e de tecnologia.

Quase como resposta ao apelo, em 2017 o Prefeito Gean Loureiro unificou as Secretarias de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico com a Secretaria de Turismo formando a Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico.

Todavia, ainda se observa a inexistência de um plano de cooperação sistemático entre os *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis, embora perceba-se a sua importância, ações isoladas e ensaios buscam desenvolvê-la. Neste sentido, algumas dificuldades são citadas para a efetivação da cooperação: a tensão em relação à representatividade econômica dos setores; a falta de maturidade ou até de conhecimento da esfera privada, especialmente do setor de turismo, para explorar mais a tecnologia ao seu favor; a falta de apoio e de liderança política local, pois se espera da PMF a assunção como líder da iniciativa – caso a PMF não se movimente nesta direção, espera-se que entidades como FIESC e SEBRAE a assumam; e a escassez de recursos financeiros na esfera pública.

Ao encontro disso, Pires (2007), Coutinho *et al.*, (2019), Bantim, Fratucci, Trentin (2020) a capacidade de gerar respostas às demandas da sociedade não é só por parte do governo, mas por todas as representações sociais, tais como o mercado e a sociedade civil. Assim, ao apoiar-se em apenas uma das três pontas do triângulo corre-se o risco de se eliminarem e incapacitarem as outras fontes de ação, as quais também são necessárias para a criação, regulação e, sobretudo, integração social.

4.3 Outros condicionantes da governança territorial em Florianópolis

Além da identificação e análise dos agentes, relações e cooperações expressas através das ações coletivas como condicionantes da Governança Territorial, ressalta-se a existência de outros condicionantes a serem analisados, conforme uso do estudo de Silva Pires *et al.* (2011).

Com isso, pode-se citar que Santa Catarina e, mais especificamente, Florianópolis acompanham os movimentos de descentralização política administrativa e de desenvolvimento de estratégias de governança que Silva Pires *et al.* (2011) citam serem comuns no contexto de construção de governança territorial.

O processo de descentralização em Santa Catarina iniciou em 2003 com a promulgação da Lei Complementar nº 243, de 30 de janeiro, e seguiu até a sua última atualização, com a promulgação do Decreto 856/2016, no qual se estabeleceram as Agências de Desenvolvimento Regional – ADRs (antigas Secretarias de Desenvolvimento Regional – SDRs), os Conselhos de Desenvolvimento Regional (CDRs) e os Colegiados Regionais de Governo (CGOs) (SANTA CATARINA, 2016).

Esse movimento em prol da governança permitiu a interação entre Empresas, Estado e Sociedade Civil, já que o intuito primeiro das ADRs é que as ações políticas atinjam as esferas local e regional e aproximem-se da sua população, de modo a proporcionar desenvolvimento econômico, social e sustentável. Diante disso, o Quadro 4 ilustra a análise sobre os condicionantes da Governança Territorial em Florianópolis.

Quadro 4 – Condicionantes da Governança Territorial em Florianópolis

| CONDICIONANTES | CARACTERÍSTICAS/ANÁLISE |
|-----------------------|---|
| Proximidade | <p>Florianópolis é uma ilha, o que favorece a distância espacial entre os agentes e facilita o estabelecimento das interações, relações de confiança e cooperação inclusive com representantes sociais, por isso a proximidade geográfica é a mais evidenciada.</p> <p>Na prática, a proximidade institucional individual dos <i>clusters</i> facilita relações de confiança, cooperação, interação tecnológica e ancoragem territorial. Essa mesma proximidade inclusive parece entre os <i>clusters</i>, mas informalmente ainda.</p> <p>Já a proximidade organizada encontra-se incipiente quando se analisa a relação entre os dois <i>clusters</i>. Todavia, em uma perspectiva intra-cluster é evidente, especialmente no cluster de tecnologia.</p> |
| Normas e Instituições | <p>Respalçadas pelo jogo de interesses (normas e valores) entre os agentes, as instituições determinam e normalizam o comportamento em cada cluster.</p> <p>No turismo, os agentes FloripAmanhã, Fortur e FCVB têm tido uma presença determinante no comportamento do cluster.</p> <p>Na Tecnologia, os agentes: ACATE, CERTI, Sapiens Parque e RECEPETi têm tido uma presença determinante no comportamento do cluster.</p> <p>Em ambos, busca-se crescimento, mudanças e avanço tecnológico a partir de cooperações com outros agentes.</p> |
| Recursos e ativos | <p>Florianópolis apresenta características culturais e sociais herdadas pela colonização portuguesa, seus contrastes entre o moderno e o antigo, o cosmopolita e o provinciano e as tradições e costumes cultivados que a tornam diferente de outros territórios.</p> <p>Essas características, aliadas às características ambientais, tornam a cidade um lugar com alta qualidade de vida.</p> <p>Desta forma, além de chamar a atenção para o turismo, a cidade tornou-se atrativo para que empresas de tecnologia se estabelecessem na área. Ademais, para o setor, além dessas características culturais, pesa a capacidade das instituições de ensino técnico e superior para desenvolver mão de obra altamente qualificada.</p> |
| Capital Social | <p>No turismo tem-se o capital social como fruto de interações entre instituições como FIESC e FECOMÉRCIO, ao trabalharem juntas, o que pode resultar em novas parcerias. Ressalta-se aqui que, além das relações construídas entre as instituições, há relações individuais que favorecem a construção de redes pela confiança já constituída entre os pares.</p> <p>Na tecnologia tem-se o capital social como fruto de interações como ACATE e UFSC, CERTI e FAPESC, RECEPETi e ACATE, entre outras, que, ao trabalharem juntas, podem resultar em novas parcerias. Adicionalmente, assim como no cluster de turismo, há ainda as relações pessoais, que transcendem, por vezes, as relações institucionais. Por exemplo, as relações entre empresários, que acabam ampliando suas oportunidades de negócios para outras empresas, e pessoas de destaque na área que, pela confiança estabelecida no setor, exercem papel de amálgama.</p> |

Fonte: Elaborado a partir de dados secundários, primários e condicionantes de Silva Pires *et al.* (2011).

Frente ao exposto, percebe-se que embora sejam ainda incipientes as ações coletivas entre os *clusters*, há movimentos que vão ao encontro dos condicionantes necessários para construir uma estrutura de governança territorial para a cidade de Florianópolis. Neste sentido, sugere-se que os atores dos *clusters* de turismo e de tecnologia não esperem iniciativas do poder público, mas que também procurem e tentem desenvolver ações conjuntas, estreitando suas interdependências de modo a atingir a eficiência coletiva e expressar uma governança territorial sistêmica (SCHMITZ; NADVI, 1999) que vá na contramão de uma possível hegemonia setorial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou responder: De que forma ações conjuntas e articuladas entre os agentes dos *clusters* de turismo e de tecnologia de Florianópolis têm ocorrido sob uma perspectiva de governança territorial?

Para responder tal questionamento, além de identificar os atores ou agentes dos *clusters* estudados, foi necessário identificar e analisar as ações coletivas, resultantes de cooperações entre eles.

Deste modo, observa-se a partir das ações coletivas analisadas, relações verticais (relação produtiva) e relações horizontais (entre empresas, universidades, associações, etc.) de cooperação entre os *clusters*. Destaca-se que embora os *clusters* estejam em diferentes níveis de maturidade (MARTINS; FIATES; PACHECO, (2017), existem ensaios e tentativas de cooperação com a participação da sociedade de forma democrática e; a busca por vantagens competitivas são características que aproximam o modelo de articulação da Quintupla Hélice, uma vez também que suas relações ultrapassam a tríade indústria-governo-universidade, conforme Carayannis, Barth e Campbel (2012).

No que tange as iniciativas e coordenação das ações coletivas salienta-se que a partir dos dados secundários a Prefeitura Municipal de Florianópolis, a UFSC, o IFSC e o ICities foram destaques. Todavia, estudos como o de Martins, Fiates e Pinto (2016) e Martins (2017) sinalizam consenso acerca da falta de penhora do governo local para com os *clusters* de turismo e de tecnologia e sua comunicação. O que foi corroborado na visão prática dos agentes.

Ainda na opinião desses agentes, a PMF deveria liderar essas iniciativas intermediando a relação e, em sua falta, Instituições como FIESC e SEBRAE deveriam assumir esse papel de "liderança". Ao contrário, dessa expectativa, os agentes destacaram como verdadeiras normalizadoras do comportamento dos *clusters*, tal como o condicionante analisado, as instituições como: ACATE, CERTI, RECEPETi, Sapiens Parque, FloripAmanhã e Fortur.

Com isso, evidenciou um desalinhamento em relação a coordenação dos agentes identificados nas ações coletivas (dados secundários) e na visão dos agentes sobre os mais engajados na prática (dados primários). O que contribui para colocar em dúvida, mesmo a partir da integração das secretarias do turismo e da tecnologia e da coordenação de algumas ações, a liderança destacada pela área pública, especificamente a de expectativa dos agentes, da PMF sobre o importante fomento dessa relação.

Deste modo, condicionantes de proximidade geográfica e institucional facilitam a cooperação entre os *clusters*, embora padeça ainda de aprofundamento acerca da proximidade organizada entre os setores e da construção de capital social conjunto, não somente entre os pares, haja vista a riqueza de recursos e ativos da cidade.

Logo, percebe-se que mesmo incipientes as ações coletivas entre os *clusters*, acredita-se que se tratam de movimentos iniciais que buscam construir uma estrutura de governança territorial para a cidade de Florianópolis. Neste sentido, sugere-se que os atores dos *clusters* de turismo e de tecnologia não esperem iniciativas do poder público, mas que também procurem e tentem desenvolver ações conjuntas, estreitando suas interdependências de modo a atingir a eficiência coletiva e expressar uma governança territorial sistêmica (SCHMITZ; NADVI, 1999). Em outras palavras, uma governança articulada e institucionalizada, pois esta é condição sinequa non para a geração de inovação e o alcance do Desenvolvimento Territorial.

Como limitações da pesquisa sinaliza-se a análise de um caso apenas, o da localidade de Florianópolis e portanto, a não comparação com outras realidades cuja cooperação é consolidada. A falta de documentos

oficiais sobre as cooperações já existentes, o que levou à uma exploração somente qualitativa. E, a forte ligação dos discursos dos entrevistados às instituições e *clusters* que representam. Diante do exposto, sugere-se que estudos futuros contemplem a comparação de realidades semelhantes ao caso de Florianópolis para identificar condicionantes que normatizam tal cooperação a contribuir para a Governança e o Desenvolvimento Territorial.

REFERÊNCIAS

- ACATE. Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia. 2016. **Informações e dados institucionais**. Disponível em: <https://www.acate.com.br/histórico>. Acesso em: 11 set. 2020.
- ALTENHOFEN, J.; PERDOMO, R. S.; VERSIANI, R.A.; LEMOS, D.C. Fatores que Afetam a Cooperação em Fase Inicial para Inovação. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, v. 17, n. 4, p. 117-131, out./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/5594/htm>. Acesso em: 29 set. 2020.
- AMARAL, A. G. L.; UCHOA, S.B.B; SANTOS, J.P.L.; SANTOS; ARAÚJO, Y. C. T. O Desenvolvimento do Turismo e a Inserção das Tecnologias: um estudo prospectivo. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 770-787, set. 2018.
- ANDRIGHI, F. F.; HOFFMANN, V. E. Redes e cooperação na destinação turística de Urubici/SC. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 1, art. 9, p. 149-164, 2010.
- ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. ACATE. **Tech Report 2020**. 2020. Disponível em: <https://www.techreportsc.com/>. Acesso em: 29 set. 2020.
- BANTIM, N.; FRATUCCI, A.; TRENTIN, F. O Papel do Estado nas Instâncias de Governança Regionais do Turismo. Observatório de Inovação do Turismo. **Revista Acadêmica**, v. 14, n. 2, p. 39-58, ago. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASTOS, C. P.; Britto, J. Inovação e geração de conhecimento científico e tecnológico no Brasil: uma análise dos dados de cooperação da Pintec segundo porte e origem de capital. **Rev. Bras. Inov.**, Campinas, v. 16, n.1, p. 35-62, jan./jun. 2017.
- BATTISTELLA, C.; DE TONI, A. F.; PESSOT, E. Practising open innovation: a framework of reference. **Business Process Management Journal**, v. 23, n. 6, p. 1311-1336, 2017.
- BERGH, P.; THORGREN, S.; WINCENT, J. Entrepreneurs learning together: The importance of building trust for learning and exploiting business opportunities. **International Entrepreneurs Management**, v. 7, p. 17-37, 2011.
- BUHALIS, D.; LAW, R. Progress in information technology and tourism management: 20 years on and 10 years after the Internet—The state of eTourism research. **Tourism Management**, n. 29, p. 609-623, 2008.
- CARAYANNIS E.G., RAKHMATULLIN R. The Quadruple/Quintuple Innovation Helixes and Smart Specialisation Strategies for Sustainable and Inclusive Growth in Europe and beyond. **J. Knowl. Econ.**, n. 5, p. 212-239, 2014.
- CARAYANNIS, E. G., BARTH, T. D., CAMPBELL D. F. The Quintuple Helix innovation model: global warming as a challenge and driver for innovation. **Journal of Innovation and Entrepreneurship**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2012. Disponível em: <https://innovation-entrepreneurship.springeropen.com/articles/10.1186/2192-5372-1-2>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CARIO, S. A.; PEREIRA, F. C. B. Inovação e desenvolvimento capitalista: Contribuições de Schumpeter e dos Neo-Schumpeterianos para uma teoria econômica dinâmica. **Revista de Ciências Humanas**, Criciúma, v. 7, n.1, p. 81-102, jan./jun. 2001.

CARMONA; A. K. ; MELLA, N. S.; ROMANO, S. Reflexiones y aprendizajes sobre la ejecución del proyecto "WAIA" como espacio de articulación para la creación de experiencias turísticas en Ushuaia, Argentina, 2019. **Aportes y Transferencias**, v. 17, n. 1, p. 83-94, 2019.

CARVALHO, N.; ZANQUETTO FILHO, H.; OLIVEIRA, M.P.O. Confiança interorganizacional e cooperação em habitats de inovação. **Revista Gestão & Tecnologia**, Pedro Leopoldo, v. 18, n. 1, p. 88-114, jan./abr. 2018.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M. **Proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas, arranjos e sistemas produtivos locais no Brasil**. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2003.

CHAMUSCA, P. Novos desafios e objetivos de governança territorial: discutindo a reorganização do Estado e a conceptualização da governança como modelo de gestão dos territórios. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 4, p. 31-55, dez. 2013. Disponível em: <http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/download/125/42>. Acesso em: 29 jul. 2016.

CLOSS, L.; Rocha-de-Oliveira, S. Economia Criativa e Territórios Usados: um debate baseado nas contribuições de Milton Santos. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Artigo 9, abr./jun. 2017.

CONEXORAMA. **Summit RD**. 2019. Disponível em: <https://www.conexorama.com/rd-summit/>. Acesso em: 11 set. 2020.

COUTINHO, M. M.; VASCONCELLOS SOBRINHO, M.; OLIVEIRA, S. A. C. M.; SANTIAGO, A. M. Coprodução Sociedade Civil - Governo na Constituição de Cidades Inteligentes no Estado do Pará. **RAC, Maringá**, v. 23, n. 5, p. 636-653, set./out. 2019.

DALLABRIDA, V. R. Governança territorial: a densidade institucional e o capital social no processo de gestão do desenvolvimento territorial. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 3., 2006, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

DESTINOS INTELIGENTES. **2º Seminário Brasil e Espanha de Inovação Tecnológica em Turismo**. 2016. Disponível em: <http://destinosinteligentes.com.br/>. Acesso em: 29 set. 2016.

ETZKOWITZ, H. Incubation of incubators: innovation as a triple helix of university industry-government networks. **Science and Public Policy**, v. 29, n. 2, p. 115-128, 2002.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF L. The Triple Helix University-Industry-Government relations: a laboratory for knowledge-based economic development. **EASST Review**, v. 14, n.1, p.14-19, 1995.

FARIAS, S. A.; SANTOS FILHO, M. J.; BARBOSA, M. D.; COSTA, C. S. Experiência extraordinária na internet? Uma análise da oferta de experiência em portais de turismo governamentais. **REGE**, v. 18, n. 3, p. 451-468, 2011.

FIESC. Federação Das Indústrias Do Estado De Santa Catarina. **Rotas Estratégicas Setoriais**. 2017. Disponível em: <http://www4.fiescnet.com.br/o-programa-pedic-2022/rotas-estrategicas-setorias>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FLORIPAMANHÃ. **Informações e Notícias institucionais**. 2016. Disponível em: <http://floripamanha.org/quem-somos/>. Acesso em: 22 set. 2016.

FUINI, L.L. **Manifestações da Governança Territorial no Brasil**: uma análise do Circuito das Águas Paulista e do Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais. 2010. 191 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

GRETZEL, U. *et al.* Conceptual foundations for understanding smart tourism ecosystems. **Computers in Human Behavior**, v. 50, p. 558–563, 2015. DOI 10.1016/j.chb.2015.03.043.

G1. Centros para turistas têm problemas de infraestrutura em Florianópolis. **Veja como era a praia de Canasvieiras, em Florianópolis, antigamente**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2017/noticia/2017/01/centros-para-turistas-tem-problemas-de-infraestrutura-em-florianopolis.html>. Acesso em: 06 jan. 2017.

ICITIES. **Smart City FórumBrasil**. 2020. Disponível em: <http://www.icities.com.br>. Acesso em: 29 set. 2020.

KORRES, M. G. The Role of Innovation Activities In Tourism And Regional Growth in Europe. **Tourismos: an international multidisciplinary journal of tourism**, v. 3, n. 1, p. 135-152, 2008.

LABCHIS. **Smart City Florianópolis**. 2020. Disponível em: <http://www.labchis.com/>. Acesso em: 29 set. 2020.

MARIANI, M. A. P.; ARRUDA, D. O. Território, territorialidade e desenvolvimento local: um estudo de caso dos Empreendimentos Econômicos Solidários de Corumbá/MS. *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL – SOBER, 48., Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2010. **Anais** [...]. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: SOBER, 2010. Disponível em: <https://sober.org.br/palestra/15/301.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2016.

MARTINS, C. FIATES, G.G.S.; PACHECO, A. Cooperação Entre Tecnologia E Turismo: A Importância De Diagnosticar A Maturidade Dos *Clusters*. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.10, n. 3, set./dez. 2017.

MARTINS, C. **Um framework para análise da contribuição conjunta dos clusters de tecnologia e de turismo para a inovação e o desenvolvimento territorial**. 387f. 2017. Tese (Doutorado em Administração) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MARTINS, C.; FIATES, G.G.S.; PINTO, L.P. A relação entre os *clusters* de turismo e tecnologia e seus impactos para o desenvolvimento local: um estudo bibliométrico da produção científica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, n. 1, v. 10, p. 65-88, 2016.

MENZEL, M. P. FORNAHL, D. *Cluster Life Cycles: dimensions and Rationales of Cluster Development*. **Geography, Innovation and Industrial Dynamics**, Denmark, N. 76, p. 25-27, 2007.

MINEIRO, A. A. C.; VIEIRA K. C.; CASTRO, C.C.; BRITO, M. J.; SOUZA, D. L. Da hélice tríplice à quintupla: uma revisão sistemática. **Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 18, n. 51, p. 77-93, set./dez. 2018.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Destinos Brasileiros Estão Entre Os Mais Buscados Para 2020, Aponta Levantamento**. 2020. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BALTIMAS-NOT%C3%ADCIAS/13273-DESTINOS-BRASILEIROS-EST%C3%A3O-ENTRE-OS-MAIS-BUSCADOS-PARA-2020,-APONTA-LEVANTAMENTO.HTML>. Acesso em: 29 Set. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **MTur anuncia cidades que vão integrar o projeto-piloto Destinos Turísticos Inteligentes**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/mtur-anuncia-cidades-que-voao-integrar-o-projeto-piloto-destinos-turisticos-inteligentes>: Acesso em: 01 mar. 2022.

PELLEGRIN, I. *et al.* Redes de inovação: construção e gestão da cooperação pró-inovação. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 313-325, jul./set. 2007. Disponível em: http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=1239. Acesso em: 10 maio 2012.

PIRES, E. As lógicas territoriais do desenvolvimento: diversidades e regulação. **INTERAÇÕES — Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 8, n. 2, p. 155-163, set. 2007.

PORTER, M. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. 13. ed. São Paulo: Campus, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. PMF. **Secretaria municipal de turismo**. Setur apresenta o Floripa Inteligente. 2016. Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=16672>. Acesso em: 24 ago. 2016.

QUANDT, C. O. Redes de cooperação e inovação localizada: estudo de caso de um arranjo produtivo local. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.141-166, jan./mar. 2012.

ROMERO, P. NUNES, F. Operacionalização da teoria dos ciclos de vida dos *clusters*. As indústrias criativas como contexto para a reflexão e o Software Educacional e de Entretenimento no Norte de Portugal como caso de estudo. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 4, p. 273-298, 2013.

SÁBATO, J.; BOTANA N. L. A ciência y la tecnologia em el desarrollo futuro de América Latina. **Revista de la Integración**, p.15-36, nov. 1968.

SANTA CATARINA. **Agências Regionais**. 2016. Disponível em:
<https://www.sc.gov.br/index.php/noticias/temas/desenvolvimento-economico/agencias-de-desenvolvimento-regional-de-santa-catarina-tem-novo-regimento-interno>. Acesso em: 29 set. 2016.

SAPIENSPARQUE. **Rota da Inovação consolidará projeto do Sapiens Parque como polo de investimentos em tecnologia**. 2013. Disponível em: <http://sapiensparque.sc.gov.br/>. Acesso em: 11 out. 2016.

SCHMITZ, H.; NADVI, K. *Clustering and industrialization: introduction*. **World Development**, Oxford, v. 27, n. 9, p. 1503-1514, 1999.

SEVRANI, K.; ELMAZI, L. Ict and the changing landscape of tourism distribution-a new dimension of tourism in the global conditions. **Journal of Tourism**, n. 6, p. 22-29, 2008.

SILVA, W. A.; TEIXEIRA, R. M. Adoção de Tecnologia da Informação pelas Micro e Pequenas Empresas do Setor Hoteleiro de Sergipe. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 59-77, jan./mar. 2014.

SILVA PIRES, E. L.; FUINI, L. L.; MANCINI, R. F.; PICCOLI NETO, D. **Governança Territorial: conceito, fato e modalidades**. Rio Claro: UNESP – IGCE: Programa de Pós-graduação em Geografia, 2011. 192 p. Disponível em: https://gen2011urc.files.wordpress.com/2012/06/livro-governanca-territorial_pires_fuini_mancini_piccoli.pdf. Acesso em: 28 jul. 2016.

SOHN, A.P.; SILVESTRINI, C.; FIUZA, T.F.; LIMBERGER, P.F. Os elementos que caracterizam o *Cluster* Turístico em Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. **Rev. Bras. Pesq. Tur.**, São Paulo, v. 11, n.1, p. 154-174, jan./abr. 2017.

SOUZA, T. **Modelo de Competitividade de Destino Turístico Inteligente**. 454 f. Tese (Doutorado em Administração e Turismo) — Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), 2018.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 1994. p. 435-454.

SWYNGEDOUW, E. Governance innovation and the citizen: The Janus face of governance-beyond-the-state. **UrbanStudies**, v. 42, n. 11, p. 1991-2006, 2005.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da Inovação**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

YIGITCANLAR, TAN *et al.* Understanding `smart cities?: Intertwining development drivers with desired outcomes in a multidimensional framework. **CITIES**, v. 1, p. 1-16, 2018.